

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2018-11-30

Deposited version:

Post-print

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Almeida, M. A. F. P. (2018). O Alentejo: história, população, a questão agrária e a gestão da água. *Água. Folha Informativa dos Amigos do Concelho de Avis – Associação Cultural*. 6-7

Further information on publisher's website:

--

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Almeida, M. A. F. P. (2018). O Alentejo: história, população, a questão agrária e a gestão da água. *Água. Folha Informativa dos Amigos do Concelho de Avis – Associação Cultural*. 6-7. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Almeida, Maria Antónia de Figueiredo Pires de, 2018, «O Alentejo: história, população, a questão agrária e a gestão da água», *Águia. Folha Informativa dos Amigos do Concelho de Avis – Associação Cultural*, abril, pp. 6-7.

O meu trabalho de investigadora em História e Ciência Política levou-me ao estudo da chamada Questão Agrária Portuguesa. Na minha tese de doutoramento sobre a Reforma Agrária sintetizei grande parte das propostas feitas ao longo dos séculos para aumentar a produção agrícola, abastecer o país de alimentos e manter as populações nos espaços rurais e a trabalhar na agricultura. Estes problemas têm sido abordados pelo Estado desde as Leis das Sesmarias, na época medieval, e os autores que a eles se dedicaram ao longo dos séculos elaboraram diagnósticos e propostas relativas ao problema agrícola português e apresentaram tentativas sucessivas de fixar as populações em meio rural e estabelecer a autossuficiência alimentar do país, usando também o argumento da necessidade de defesa militar.

Por exemplo, em 1655 o Padre Severim de Faria descreveu as causas da falta de população do Alentejo e a necessidade do uso de mão de obra escrava e deu sugestões para o seu povoamento, com o objetivo de abastecer o reino de cereais. A sua citação de Plínio consagrou para sempre a palavra latifúndio, o qual contribuíra para a decadência do Império Romano. Por esse motivo, Severim Faria sugeriu a divisão das herdades e a sua colonização por aforamentos.

José Veríssimo Álvares da Silva, em 1782, lamentou o excesso de terras nas mãos do clero e os prejuízos que a guerra e o serviço militar traziam para a agricultura, impondo tributos aos lavradores e levando-lhe uma “infinidade de braços”. Tal como ele, também Domingos Vandelli, José Joaquim da Costa Simas, José Acúrsio das Neves, entre outros, escreveram para a Academia Real das Ciências de Lisboa verdadeiros tratados para a reconversão da agricultura alentejana.

José Joaquim Soares de Barros, por alguns considerado o fundador da demografia portuguesa, pois apresenta dados bastante rigorosos sobre a evolução da população do reino e a sua urbanização, escreveu em 1789: “Olhemos para essa província do Alentejo celeiro de Portugal algum dia, mas hoje com este nome de alcunha (...) deixam nos tempos mais favoráveis sempre pobres os pequenos lavradores, e só aos grandes fazem ricos...” O conceito do Alentejo como “Celeiro de Portugal” foi retomado por Salazar na sua *Questão Cerealífera: O Trigo*, escrita em 1916, e constituiu um dos lemas do Estado Novo para o lançamento das Campanhas do Trigo nos anos 30 do século XX.

E Oliveira Martins, no seu Projeto de Lei sobre o Fomento Rural, apresentado em 1887, escreveu que o absentismo rural produz frequentemente o espetáculo de um dispêndio considerável nas cidades, “um vício inerente à condição de proprietário”. Propôs então obras de hidráulica agrícola, reordenamento da população, colonização do Alentejo, coletivismo, com sociedades anónimas, cooperação, propriedade coletiva da terra; emparcelamento no norte, parcelamento no sul; diversificação cultural, florestação, caça e pesca; e a constituição de um banco rural.

Ao longo do século XX várias políticas também foram postas em prática para aumentar a produtividade das terras, entre as quais a Reforma Agrária iniciada em 1975.

Contudo, verificou-se ao longo dos séculos o enorme insucesso das soluções apresentadas. No presente o mundo rural português caracteriza-se pelo despovoamento. O trabalho agrícola já

não é a principal atividade dos territórios do interior e a atração urbana deixou as suas marcas desde os anos sessenta do século XX.

Na atualidade o mundo rural português está envelhecido, despovoado e já não depende da agricultura para a sua subsistência. Os discursos e as estratégias de atração de pessoas e empresas foram alterados para salientar questões ligadas a uma vivência do rural já não baseada na agricultura, mas nos serviços, entre os quais se salienta o turismo, a caça, o desporto e a natureza.

Tendo esta nova realidade em consideração, desenvolvi uma investigação sobre políticas públicas e mensagens políticas para combater o despovoamento do interior quer a nível central quer local. Os primeiros resultados foram publicados no artigo “Territorial inequalities: depopulation and local development policies in the Portuguese rural world”, *AGER – Revista de Estudios sobre Despoblación y Desarrollo Rural*, n. 22, abril 2017, pp. 61-87.

A Professora Tatiana Acevedo Guerrero do Institute for Water Education, da Unesco, uma parte do IHE – Instituto para a Engenharia Hidráulica e do Ambiente, sediado em Delft, na Holanda, leu o meu artigo e convidou-me para dar uma aula aos seus alunos do Mestrado em Gestão da Água, no âmbito de uma visita de estudo às barragens do Alentejo. Após uma visita ao Alqueva e ao EDIA, onde viram os aspetos técnicos dos planos de rega e tiveram aulas com professores de Agronomia da Universidade de Évora, a minha contribuição foi no sentido de explicar a este grupo de alunos, de origens tão diversificadas como a América Latina, África e Ásia, o enquadramento histórico da região e a situação atual do Alentejo a partir das ciências sociais: demografia, economia, os usos da paisagem, a gestão da água e as suas consequências para o ambiente.

No dia 6 de junho de 2018 fomos muito bem recebidos pela Sr^a Dr^a Helena Raimundo Rosado na Biblioteca Municipal José Saramago, que nos facilitou o uso da sala para a aula subordinada ao tema: “O Alentejo: história, população, a questão agrária e a gestão da água”.

Seguimos para a Cooperativa Agrícola de Ervedal e Figueira e Barros, onde o Sr. Pinheiro nos mostrou todo o processo de produção do azeite, nos deu a provar algumas variedades dos seus melhores produtos com o excelente pão alentejano, seguido de uma maçã, e ainda ofereceu uma garrafa a cada aluno e professor.

À hora do almoço os nossos convidados apreciaram a Barragem do Maranhão no Clube Náutico, onde almoçámos migas com carne de porco, total novidade para todos e motivo de enorme satisfação. Ainda visitaram a Torre da Rainha e a Igreja do Convento antes de voltarem para Évora onde estavam instalados.

Estes alunos tomaram assim consciência da evolução histórica da paisagem alentejana, desde o sequeiro ao super intensivo, e de como os usos da água condicionaram o comportamento da sociedade e os movimentos demográficos, especialmente a partir da segunda metade do século XX. Discutimos o problema da seca que afetou o nosso território até março de 2018, o esvaziamento da Barragem do Maranhão e o uso da água para rega dos novos olivais. Todos estes temas merecem uma discussão mais aprofundada nos meios afetados por esta nova realidade e uma ação conjunta de todos os intervenientes para melhorar a qualidade de vida de quem ainda resiste e aprecia viver em Avis.